

I - CHARCOT: Hipnotismo e Teatro

Insinuaram que os assistentes de Charcot haviam treinado os pacientes para representar o papel de uma pessoa histérica ou hipnotizada. Guillaín verificou essa hipótese com os seguintes resultados: “Em 1899, mais ou menos seis anos após a morte de Charcot, vi, como jovem interno na Salpêtrière, antigos pacientes de Charcot que estavam ainda hospitalizados. A maioria das mulheres, as quais eram excelentes comediantes, imitavam perfeitamente as principais crises histéricas por qualquer remuneração que se lhes oferecesse.” (Szasz:1974: 42)

1

Na França, à mesma época em que nosso Machado narrava os episódios de Itaguaí, o grande alienista era Dr. Jean-Martin Charcot. Nascera em Paris, filho de carruageiro. Depois de estudar no Lycée Bonaparte, fizera-se médico. Por uma carreira brilhante, conquistara fama invejável, com repercussões para além das fronteiras francesas. Sua vida e seus feitos foram expostos aos detalhes por Georges Guillaumin, em “J-M. Charcot, 1825-1893: his life his work.”. Axel Munthe, em “O Livro de San Michele,” psiquiatra e escritor sueco, seu ex-aluno também, apresentou-o como sendo

O médico mais célebre de sua época. A sua clínica no Saint Germain enchia-se de doentes de todas as partes do mundo, que muitas vezes esperavam semanas inteiras antes de serem admitidos ao santuário interior, onde ele os recebia sentado junto da janela da enorme biblioteca. (Munthe: sd: 212)

Apenas dois outros disputavam celebridade com ele na Paris daqueles dias dos anos oitenta do seu século XIX: o professor Potain, famoso clínico do Hospital Neker, e o professor Tillaux, que atendia no Hôtel-Dieu, consagrado como cirurgião e autor de um reconhecido Tratado de Anatomia Topográfica. Mas, Charcot ainda cuidava de fazer bem o político e o social, freqüentando os mais altos círculos, em busca de articulações convenientes.

Era amigo do primeiro-ministro Gambeta e também do grão-duque Nicolau, da Rússia. Diz-se que preparou o

caminho para a Aliança Franco-Russa. Segundo opinião geral, aspirava ao papel de autocrata aristocrático.

(Szasz: 1974: 34)

Desde dez anos depois de formado neurologista-psiquiatra, até a morte, em 1893, foi o Médico-Chefe da Salpêtrière, clínica psiquiátrica para mulheres histéricas, fundada em 1656, por ocasião da “Campanha dos Hospitais Gerais”, (Foucault:1978:49): com aquele nome por ser instalada num prédio em que funcionava antes uma fábrica de salitre. (Berg:1980:42). Lá esteve por trinta e um anos. E se fez também catedrático de Anatomia Patológica na Sorbonne, conquistando grandes poderes nos meios acadêmicos.

Entre os assistentes tinha favoritos, a quem muitas vezes ajudara a alcançar posições privilegiadas muito superiores aos méritos. Apenas uma palavra de recomendação de Charcot bastava muitas vezes para decidir o resultado de qualquer exame ou concurso; em resumo, era o tirano supremo de toda a faculdade de medicina.

(Munthe: sd: 213)

Dedicou primeira parte da vida profissional à Neurologia, em que publicou vários trabalhos, fazendo-se respeitado pela classe médica, como um competente clínico ou pesquisador. Mas, a partir de 1878, voltou-se para o hipnotismo, (Postel & Quézel: 1983:407) com recurso a que conseguiu forçar a oficialização da histeria como “doença mental”, absolutamente sem razões científicas para tanto. Historiadores da psiquiatria salientaram que

A reputação de Charcot como neurologista estava tão solidamente firmada que ele pode dar-se ao luxo de voltar seu interesse para o fenômeno da hipnose, que era desacreditado entre a maioria dos médicos. (Alexander & Sellesnick: 1980: 232)

Ele procurava acentuar o descrédito nos fenômenos hipnóticos, a título de patologias; bem como, a desqualifica-

ção das histéricas perante a justiça para testemunhos nos casos de atentados ao pudor de meninas, suas filhas. Em troca, recuperava mercado de trabalho e dignidade de praticantes efetivos da Medicina para os psiquiatras, que vinham sendo postos na conta de falsos médicos, por cuidarem de falsas doentes: as histéricas.

Pretendeu demonstrar que a hipnose era fundamentalmente um estado histérico produzido de modo artificial, e que as famosas três fases do hipnotismo teriam sua contrapartida nas manifestações histéricas correspondentes. (Ehrenwald:1969:71)

Depois, Franz G. Alexander e Sheldon T. Selesnick escreveram a quatro mãos na história da psiquiatria deles que “a hipnose tornou-se uma matéria séria de investigação científica sob a influência de Charcot.” (Alexander & Selesnick:1980:183) Adiante, página 234, ainda concluíram que a importância dele residiria “no fato de ter feito com hipnose experimentação aceitável.” Mas, precisamente isso jamais aconteceu. Axel Munthe atestou:

Para mim, que durante anos dedicara a maior parte do tempo livre a estudar o hipnotismo, aquelas representações teatrais da Salpêtrière ante o público do “tout Paris” não eram mais do que uma absurda farsa, uma mescla inextricável de verdade e mentira. (Munthe: s/d:224)

Havia lá sonâmbulas autênticas e comediantes expressas, segundo Munthe. Mas, para o Mestre era tudo seis ou meia-dúzia. Inclusive a imprensa francesa diária da época denunciou que não encontrava nada de sério, muito menos de científico nas propaladas experiências de Charcot. Ele morto, vários outros dos seus ex-alunos, médicos-residentes, confirmaram essa versão. Guillaín chegou a escrever que

Charcot pessoalmente nunca hipnotizou um único paciente, nunca verificou seus experimentos e, conse-

qüentemente, não estava a par de suas insuficiências ou das razões de seus erros. (Szasz: 1974: 42)

A moda das apresentações de magnetizadores em espetáculos públicos alastrara-se pela Europa inteira, com leigos à sombra prometendo cura de “status nervosi” pelo sonambulismo, em concorrência franca com a medicina dos nervos ou psiquiatria, que “passava por um período estéril.” (Alexander & Selesnick: 1980:201) O Mestre passou a providenciar encenações meramente demonstrativas no anfiteatro da Salpêtrière, às terças-feiras. E promovia tudo a título de experiências médicas em mulheres histéricas, quando nem mesmo de hipnotismo se tratava. As moças

Estavam sempre dispostas a “piquer une attaque” da “grande histeria” clássica de Charcot com “arc-en-ciel” e tudo, ou a exhibir as suas três fases do hipnotismo: letargia, catalepsia e sonambulismo, inventadas todas pelo mestre e dificilmente observadas fora da Salpêtrière. Algumas cheiravam com deleite um frasco de amoníaco, se lhes afirmavam que era água-de-rosas; outras tragavam um pedaço de carvão, se lho davam como chocolate. Arrastava-se outra de quatro pelo chão, ladrando com fúria, se lhe diziam que era um cachorro. Esta agitava os braços para voar, quando lhe insinuavam que era pomba. Aquela levantava as saias gritando com horror, quando atiravam uma luva ao chão e lhe diziam que era uma serpente. Outra, enfim, embalava e beijava ternamente um cilindro que lhe apresentavam como sendo seu filho. (Munthe: sd: 224)

Coisas hilárias, comuns em todas as exibições públicas de hipnotizadores; que o mestre, entretanto, assegurava serem sintomas de distúrbios mentais inconscientes, (Freud:1897b:25). Os jovens médicos-residentes viam-se em presença de óbvias falsificações; e tinham de silenciar. (Mun-

the:sd:224). Freud no obituário fez apologia de um homem atento aos detalhes das pesquisas e sempre aberto ao diálogo com seus alunos. (Freud: 1897b:18) Mas, George Guillaín, biógrafo oficial, também não querendo ou não podendo mostrar o fundo da história, chegou a forjar um esclarecimento com recurso à intransigência do seu biografado.

A única explicação em que posso pensar, com todas as restrições que carrega, é que eles não ousavam alertar Charcot temendo as violentas reações do mestre, que era chamado O CÉSAR DA SALPÊTRIÈRE. (Szasz: 1974: 42)

* *
*

Munthe nos passou uma boa idéia do que acontecia por lá, ao narrar o caso de uma interna que viera da Normandia para trabalhar como ajudante de cozinha na Salpêtrière, graças à ajuda de uma monja da mesma aldeia, segunda cozinheira do hospital. Tratava de Geneviève: “moça linda, forte e sã” que, entretanto, acabara na “Sala de Santa Inês,” destinada às grandes histéricas. Fora promovida a uma das principais estrelas da “companhia de Charcot,” por sua beleza e seu talento nos desempenhos.

Tinha os cabelos penteados com faceirice e atados com uma fita de seda azul; no colo luzia um fio de pérolas falsas e ela dissimulava com pintura a palidez das faces e dos lábios. Mais que uma enferma do hospital, parecia uma costureira passeando atrevidamente pelos bulevares. Ascendera a prima-dona das representações das terças e, acarinhada por todos, sentia-se satisfeítíssima consigo e o ambiente. (Munthe:sd:226/7)

Certo dia os pais vieram visitá-la. Manhã de Domingo, Munthe os encontrou sentados num banco, recuperando-se um pouco da longa viagem noturna de trem. Fez conversa e eles logo foram dizendo a que vinham. Havia acima de três mil internas no hospital. Mas, pela descrição que lhe deram e devido à popularidade da moça, ele assegurou-se de quem se tratava. Explicou-lhes a respeito dos muitos corredores por que poderiam extraviar-se até a cozinha e, propondo-se

ajudá-los, conduziu-os ao endereço em que haveriam de encontrá-la com certeza.

Balançando as pernas vestidas de seda, Geneviève estava sentada, sobre a larga mesa, no meio da sala; tinha no colo um exemplar de “Le rire” que trazia o seu retrato na capa. A seu lado encontrava-se Lisette, outra das principais estrelas da companhia. Os dois velhos camponeses olharam com assombro a filha. Ela devolveu-lhes o olhar com ar indiferente, e nem pareceu reconhecê-los à primeira vista. De repente sua face começou a contrair-se e, com um grito agudo, caiu de todo o comprimento no chão, presa de violentas convulsões, seguida imediatamente de Lisette, com o seu clássico “arc-en-ciel”. Obedecendo à lei da imitação, uma a uma das outras histéricas desataram em ataques nas suas camas; esta rindo convulsivamente, aquela prorrompendo em pranto desabalado. Mudos de terror, os dois velhos foram rapidamente impelidos pelas monjas para fora da sala. (Munthe: sd: 226/7)

O mais difícil sobrou para Munthe: restabelecer numa tranqüilidade mínima o casal de camponeses, que ficara aterrado. “A velha mãe começou a chorar, e os pequenos olhos piscos do pai reluziram com um brilho de mau agoiro.” (Munthe:sd:227) . Tinham estado contando com a filha em condições de retornar à aldeia, para ajudá-los nas lidas da granja familiar cujos trabalhos haviam aumentado e se feito demais para os dois apenas. Foi preciso uma conversa compreensiva, cuidadosa, longa, algum tempo no banco sob os plátanos, para contornar a situação.

O pai queria levá-la imediatamente, mas a mãe apoiava-me, dizendo que era mais prudente deixá-la onde estava até que se curasse, pois tinha a certeza de que a filha se encontrava em boas mãos. Depois de lhes repe-

tir a promessa de que eu faria todo o possível junto do professor e do diretor do hospital para lhes mandar Geneviève acompanhada de uma enfermeira, consegui com grande dificuldade metê-los num carro que os levou à Gare d'Orléans, para partirem no primeiro trem.

(Munthe: sd: 227)

* *

*

3

Naquela noite, Munthe não conseguiu dormir. Ficou quebrando cabeça com as componentes da enrascada em que se vira metido de surpresa. Certos antecedentes lhe diziam que ele seria o menos indicado de todos os médicos-residentes para falar com Charcot sobre o caso. De outra parte, visivelmente Geneviève não pretendia trocar as conveniências de comediante na Salpêtrière pelo cuidado a vacas, porcos, colheita de batatas, fabricação de queijos e outras coisas do gênero, de que a mãe falara empolgada antes de encontrá-la.

Precisava primeiro localizar a moça na sua efetiva condição de prisioneira de Charcot, depois sensibilizá-la quanto a necessidade dos pais e às conveniências de um futuro pessoal, na aldeia. Na seqüência viria uma fuga devidamente planejada. Apesar do risco de o feitiço ser virado contra o feiticeiro pela própria beneficiária: ela poderia não compreender e entregá-lo de mãos beijadas ao Cesar da Salpêtrière.

Só o hipnotismo apareceu-lhe como saída. Tinha Geneviève na conta de excelente médium e já verificara a facilidade dela para seguir sugestões pós-hipnóticas, isto é: quando desperta, levar a termo iniciativas que lhe houvessem sido propostas durante a hipnose. Foi a estratégia que elegeu e levou à prática, certificado das qualidades hipnóticas da moça.

O êxito da experiência preliminar decidiu-me, com o meu caráter impulsivo, a pôr imediatamente em prática

o meu plano. Ordenei a Geneviève que voltasse à Avenue de Villers com as mesmas precauções e à mesma hora, dois dias depois. Era segunda feira, e convidara Norstrom a comer comigo porque desejava que ali estivesse como testemunha, caso sobreviessem complicações imprevistas. (Munthe: sd:228/9)

Esse colega fez várias objeções, remarcando os riscos da empreitada, tanto em caso de sucesso quanto de fracasso. A moça poderia falar da decisão a alguém, confidenciar a uma colega ao despedir-se ou coisas do tipo. Munthe, porém, preferiu confiar em que as ordens passadas sob hipnose profunda não seriam nem do conhecimento dela que, assim, não poderia incriminá-lo. Nem considerou que os fatos também falariam; e isto seria fatal. A enfermeira que deveria acompanhá-la até a casa dos pais compareceu na hora acertada. Mas, Geneviève não. O mocinho que pretendia libertá-la, depois de mais uma noite sem dormir, conheceria os detalhes apenas com o chegar do dia.

Quando na manhã seguinte entrei no anfiteatro da Salpêtrière, me sentia mal e com leves tonturas. Charcot tinha começado sua aula sobre hipnotismo. Geneviève não estava no seu posto de sempre, no cenário. Saí e subi até a sala dos guardas. Um dos internos disse-me que na véspera, enquanto almoçava, tinham-no chamado à Sala de Santa Inês, onde fora encontrar Geneviève em estado de coma cataléptico, interrompido pelas mais violentas convulsões que já vira. Uma das monjas encontrara-a meia hora antes fora do hospital, quando se dispunha a subir num carro. Parecia tão agitada que a monja, a grande custo, conduziu-a à portaria, de onde tiveram de levá-la nos braços para sua sala de costume. Tinha lutado toda a noite desesperadamente como um animal selvagem que tenta fugir da

jaula e fora necessário vestir-lhe a camisa-de-força. Naquele momento estava encerrada num quarto isolado, com uma forte dose de brometo e um saco de gelo na cabeça. Ninguém compreendia a causa de tão imprevista variação. (Munthe: sd: 230)

* *
*
*

4

Norstrom estivera certo nas previsões. De alguma forma, o plano chegara ao conhecimento de Charcot. Ele mandara deter a moça no seu dia de folga, com apelo à truculência psiquiátrica. A tal monja recebera instruções muito precisas. Agora, sobrava para Munthe encarar as conseqüências bastante óbvias daquela tentativa heróica. Desde cedo, era esperado pelo Cesar.

Fomos interrompidos pelo chefe da clínica, o qual me disse que me andara buscando por todo o hospital, pois Charcot queria falar-me, e que deveria conduzir-me ao seu escritório apenas terminada a aula do anfiteatro. Não me dirigiu uma única palavra enquanto passávamos pelos laboratórios adjacentes. Bateu à porta e entrei, pela última vez na minha vida, no meu tão conhecido santuário do mestre. Charcot estava sentado no lugar de costume, junto à mesa, inclinado sobre o microscópio. Ergueu a cabeça e cravou em mim seus terríveis olhos. Falando lentamente com uma voz profunda que tremia de raiva, disse-me que eu havia tentado atrair a minha casa uma enferma do seu hospital, uma mocinha, uma desequilibrada, irresponsável pelos seus atos. Segundo confissão dela própria, já uma vez havia estado em minha casa, e o meu diabólico plano de aproveitar-me dela pela segunda vez só havia fracassado por casualidade. Era um crime; devia entregar-me à polícia, mas pela honra da profissão e pela roseta verme-

Iha que eu usava, limitava-se a despedir-me do hospital e esperava não me tornar a ver. (Munthe: sd: 230/1)

Verdade que havia antecedentes. Numa daquelas sessões das terças-feiras, Munthe conhecera Guy de Maupassant, já famoso por “Bola de Sebo” e “A Casa de Tellier.” Preparava material para “La Orla.” Andava vivamente interessado nos problemas da loucura e do hipnotismo. Fizeram amizade. Saíram juntos várias vezes. Numa delas, visitaram a clínica do Dr. Bernheim (1837-1919), em Nancy. Viram de perto os erros da Escola da Sapêtrière. Munthe publicou um artigo a respeito na “Gazette des Hôpitaux.”

Depois apareceu no Figaro um violento artigo firmado com o pseudônimo de Ignotus, um dos principais jornalistas de Paris, denunciando as demonstrações de hipnotismo em público como espetáculos ridículos, perigosos, sem valor científico, e indignos do mestre da Sapêtrière. (Munthe: sd: 225)

Os colegas de Munthe o haviam responsabilizado por este último texto também, na costumeira cumplicidade com o Mestre. A tentativa de libertar Geneviève viera a ser apenas a última pitada da pimenta que entornava o caldo deles. O estágio de pós-residência do herói na Salpêtrière e sua ação de escoteiro ficariam por ali mesmo. A moça retornaria ao papel nos espetáculos das terças-feiras e as encenações continuariam.

* *
*

5

Havia muitos interesses estabelecidos, com as raízes de tudo aquilo chegando de bem longe. A questão do hipnotismo remontava às origens da nossa Civilização: desdobrava do magnetismo natural. Os gregos, em continuação ao vitalismo e animismo orientais, compreendiam os fenômenos da natureza como manifestações de uma energia vital ou ânimo transnatural, que atuaria em todas as coisas indistintamente.

Thales tinha imaginado que um ímã possuiria alma porque podia mover um pedaço de ferro, e Anaxágoras generalizou tal concepção, atribuindo todos os movimentos à operação de um espírito. (Mason: 1964: 22)

Os alquimistas medievais seguiram essas idéias. Não distinguiam os seres brutos ou minerais dos seres vivos. Acreditavam que todos, generalizadamente, eram compostos de um corpo e de uma alma. Mas, os chineses descobriram a agulha magnética no século XI: ela foi usada por navegadores maometanos e pelos europeus também, cem anos depois. Assim, o rumo dos interesses mudaram, progressivamente. Já em 1269, Pierre Maricourt investigou o fenômeno do magnetismo natural com objetivos práticos.

Fez uma esfera de pedra-ímã e estudou suas propriedades magnéticas com o emprego de pequenos pedaços de arame de ferro, descobrindo assim os meridianos magnéticos, que marcava com traços de giz. Chegou a saber da atração entre polos magnéticos opostos e da repulsão entre polos idênticos; também soube que,

quando um imã se parte em dois, cada metade transforma-se em um novo imã. (Mason: 1964: 89)

No século seguinte, Guilherme de Ockham (1295-1346) apelou para a propriedade dos imãs com vistas à refutação da física aristotélica, discutindo as provas thomistas da existência de Deus. É que, segundo Aristóteles, o universo seria pleno de matéria e o movimento de um corpo implicaria o contato com outro, sendo impossível o vácuo. Com base nisso, Thomás de Aquino (1225-1274) fizera de Deus um primeiro motor, que atuaria sobre os corpos celestes por meio de anjos, dispostos em hierarquias.

Ockham argumentou que essa compreensão estava em contradição com os fenômenos do magnetismo natural, entre os quais se verificava o fato de um imã mover um ferro à distância, portanto, sem tocá-lo. Em consequência, ressuscitou-se o antigo argumento do "Impetus" ou impulso inicial, hoje travestido em "teoria do átomo primitivo" ou do "Big Bang," para explicar como é que Deus moveria os astros. Jean de Buridan, Reitor da Universidade de Paris em 1327, um dos grandes seguidores de Ockham, dizia:

Não se encontram na Bíblia alusões a inteligências encarregadas de dar aos orbes celestes seus próprios movimentos: sendo permitido portanto mostrar a desnecessidade de supor-se a existência de tais inteligências. Pode-se dizer, com efeito, que Deus deu a cada astro um impulso que o conserva em movimento desde então. (Mason: 1964: 93)

* *

*

6

Ao início do século XVI, Theophrast von Hohnheim (1493-1541), pai da medicina hermética, que se designou Paracelso a fim de dizer-se superior ao Celsus romano, trouxe o assunto dos ímãs para os fazeres terapêuticos. Caudatário do misticismo vitalista ou animismo, fez a passagem doutrinária do magnetismo natural para o magnetismo animal. Depois, os manuais das "ciências herméticas", das edições "O Pensamento", vieram garantir que

O magnetismo de Paracelso é a vida universal. Para ele tudo é vivente; a vida, que existe nos metais, como nas plantas, pode ser transmitida destes ao homem. O emprego da sugestão e a transmissão dos medicamentos a distância lhe eram conhecidos. Comparou a força emitida pelo homem à atração que o imã (magnete), exerce sobre o ferro. Era sempre neste sentido que os antigos entendiam o magnetismo e entendem-no igualmente os verdadeiros magnetizadores modernos. (Magnetismo: 1950: 8)

Ele era filho de um médico em Zurique. Estudou Medicina na Basiléia, onde também lecionou por dois anos. Combateu veementemente a panacéia: remédio único para todos os males. Queimou as obras de Galeno frente a seus alunos. Defendeu a tese das doenças singulares, com remédios específicos. Antecipou-se na concepção microbiana das enfermidades, mesmo sem nenhuma base experimental. Devido ao caráter revolucionário dessas idéias para a época, suas ligações com Lutero ou a Reforma, virou autor proibido nas Universidades. Mas, não deixou de ser estudado nem

de fazer adeptos. Um dos principais deles, foi John Batista von Helmont (1577-1644), defensor de que a água seria substância última, elemento primordial da natureza de todas as coisas.

Plantou um salgueiro numa quantidade previamente pesada de terra dessecada e forneceu-lhe apenas água. Ao fim de cinco anos o salgueiro havia ganhado 82 quilogramas de peso, ao passo que a terra perdera apenas 60 gramas. Concluiu que a substância nova do salgueiro era feita exclusivamente de água. (Dampier: 1986: 68)

A química, naquele momento, era um embrião nutrido pela alquimia. Os dados da observação, sem cuidados metodológicos convenientes e sem suporte teórico experimental, acabavam diluídos no misticismo. A Medicina iatroquímica de Paracelso misturava-se com a Astrologia e se sonhava com a transmutação das substâncias. Helmont pretendeu comprovar isso também.

A água fervida nos recipientes de vidro grosseiro da época formava um sedimento, que era devido ao próprio vidro, que em parte se dissolvia e se precipitava. Tomando então o sedimento como terra, ele considerou o fenômeno um caso de transmutação da água. (Mason: 1964: 186)

Coisas que a ciência clássica ou contemporânea esclareceu plenamente, com seus avanços experimentais. Nem coube destino diferente ao magnetismo animal, na medida em que pretendia compreender os fenômenos de ação à distância pelos ímãs como devidos a forças transnaturais.

* *
*

Em 1581, Roberto Norman publicou um folheto, sob o título de "The New Attractive", em que dava um rumo mais experimental ao estudo dos ímãs. Descobria o ângulo de inclinação da agulha imantada; verificava que a imantação da limalha de ferro não lhe aumentava o peso; que a força magnética era apenas de orientação e não motriz; e discutia a questão do desvio do norte magnético em relação ao norte geográfico.

Norman era marinheiro ou navegador e seus estudos seriam aproveitados por William Gilbert (1544-1603). Este médico, que estudou em Cambridge e viajou pela Europa, buscando convívio com pesquisadores da área, acabou dedicado mais à Física do que à Medicina. Em 1600, publicou em Londres seu famoso livro "Sobre o Imã" e, graças ao prestígio daí advindo, tornou-se físico oficial da corte de Elizabeth I, com o salário de cem libras: excepcional para a época.

Além das próprias verificações, retomou todos os estudos anteriores. Foi o primeiro investigador a preconizar decisivamente o conhecimento do magnetismo pelo método experimental. Inclusive dedicou sua obra "aos homens que buscam o conhecimento não nos livros mas nas próprias coisas". Todavia, ainda se deu a certas especulações. Tentou compreender quase tudo do nosso sistema solar, em termos de magnetismo.

De suas experiências com imãs esféricos, concluiu ser a terra um magneto gigantesco, inteiramente constituído de imã natural, com um simples envoltório superficial de água, rochas e solo. Comparava o magnetismo de uma pedra-ímã a uma alma que causa o movimento e as mudanças do corpo que habita. (Mason: 1964: 109)

A partir dali, porém, as pesquisas viriam sempre mais esclarecer o fenômeno do magnetismo natural como sendo especificamente de ordem física. Em 1785, Charles Augustin de Coulomb enunciava sua lei do quadrado das distâncias com referência às forças de atração magnética, semelhante à Lei de Newton para a gravitação universal. Acontecia aquilo que veio a ser considerado o começo do estudo da eletricidade como Ciência. Apesar de em 1752, Benjamin Franklin já haver recolhido cargas elétricas das nuvens com um papagaio de papel, durante uma trovoadas.

Por fim: a natureza material do fenômeno foi plenamente verificada em termos experimentais contemporâneos. Veio a teoria molecular de Weber sobre os magnetos, em 1852; seu aprofundamento por Maxwell em 1873; desembocamos na teoria das regiões ou domínios, formulada por Weiss, em 1907. E daí por diante até a Quântica de hoje, com o assunto convertido em ocupação expressa da Física.

* *
*

8

O magnetismo natural assim esclarecido pela ciência da eletricidade deixou a doutrina do magnetismo animal sem base de sustentação. Mas, isto não foi considerado. Seus desdobramentos: a Psicopatologia com os muitos mentalismos psiquiátricos psicanalíticos ou psicológicos e as ditas alternativas contemporâneas permaneceram na contramão das descobertas experimentais. (Birman: 1978: 31). Encontramos algumas de suas raízes mais recentes ao fim do século XVIII, no episódio do Mesmerismo, assim designado em homenagem a seu protagonista: Franz Anton Mesmer (1734-1815).

Era um médico respeitável em Viena, casado com uma mulher rica; gostava de saraus musicais de Mozart. Um dia conheceram o professor Maximilian Hell, que sabia curar com magnetos. Mesmer imediatamente dispensou os magnetos, descobrindo que podia magnetizar tudo com as pontas dos seus dedos, homens, mulheres, cachorros, seu Apfeltasche. “Eu mesmo magnetizei o sol uns dez anos atrás,” explicava ele, modestamente, a um médico que lhe perguntou por que recomendava banhos ao ar livre. Em 1778, uma das comissões de Maria Theresa investigou a prática de Mesmer e deu a ele 24 horas para sair de Viena. Depois, de passar algum tempo em Spa, foi para Paris. (Gordon: 1996: 165)

Os historiadores da psiquiatria, das ciências herméticas e diversos intelectuais, como por exemplo Honoré de Balzac (1799-1850), nunca esconderam as trapalhadas de Mesmer

ao tratarem do movimento desencadeado por ele. Se bem que sempre tenham passado a escumadeira tentando salvar o caldo, como que depurado pelas fervuras nas quais estivera. Em "A Comédia Humana", ao capítulo VI de Úrsula Miroët, Balzac escreveu que

A França culta agitou-se, abriu-se um debate solene. Antes de qualquer julgamento, a Faculdade de Medicina proscreeu em massa aquilo a que chamava de charlatanismo de Mesmer, sua selha magnética, seus fios condutores e suas teorias. Mas, diga-se de passagem, aquele alemão infelizmente comprometeu sua magnífica descoberta com enormes pretensões pecuniárias. (Balzac: 1990: V: 68)

Os manuais das chamadas "Ciências Herméticas" também não fizeram segredo das peripécias mesmerianas. Assinalaram que ele trapaceou com os muitos seguidores que fez em Paris, dos quais cobrara a importância de 240.000 libras, prometendo revelar "todo o segredo" e não cumpriu o trato. (Magnetismo: 1950: 10) Teria passado a eles somente alguns aforismos resumindo a doutrina de Paracelso, depois fugido para a Inglaterra e, posteriormente, para a Alemanha, onde veio a falecer. Mas, ele também foi à terapêutica em França: atendendo senhoras histéricas à Rua Montmartre.

Sua clínica no Hotel Bullion, como a de James Graham em Pall Mall, era decorada com tapetes, espelhos, música invisível e incenso no ar. Tinha tubos magnéticos nos quais as mulheres se encostavam, de mãos dadas, até a entrada dos assistentes magnetizadores. Estes eram jovens fortes e bonitos que "seguravam as pacientes entre os joelhos" e massageavam ao longo das suas colunas, no pescoço e nos seios. Isso provocava soluços, puxões de cabelos, risos, gritos, berros, ataques e

insensibilidades. Os casos mais graves eram atendidos por Mesmer, no quarto. (Gordon:1996: 165)

Não se pode dizer que ela andasse por lá, mas o homem contava até com o apoio da Maria Antonieta. E o Dr. Charles d'Elson, médico do irmão de Luis XVI, encantou-se pelas idéias dele. Entusiasmado, fundou a "Sociedade Harmonia", para lutar pelo reconhecimento dos tratamentos mesmerianos como prática médica. Daí veio a "Comissão Imperial" do século XVIII.

Em resultado de considerável pressão por parte de d'Elson e outros membros da Sociedade Harmonia, Luis XVI, da França, nomeou em 1784, uma comissão incumbida de estudar o magnetismo animal. O presidente da comissão era Benjamin Franklin e entre seus membros incluíam-se um famoso astrônomo, Jean Baily, um eminente botânico, A. L. de Jussieu, o químico Lavoisier e o Dr. Guillotin. A comissão concluiu finalmente que não existia magnetismo animal, mas apenas imaginação, isto é, uma coisa que não existia, e guilhotinou as ambições de Mesmer. (Alexander e Selesnick: 1980: 179)

A guilhotina daquela vez, porém, não funcionou com sua eficácia conhecida, apesar de seu reinventor na comissão. Condenado pelos meios universitários e os poderes oficiais, o mesmerismo não morreu. Continuou como bola de neve nos bastidores da Medicina, mormente nos domínios da Psiquiatria. No período de um século, entre Mesmer e Charcot, bateu várias vezes às portas da Academia pedindo reconhecimento, como prática médica.

Algumas pessoas honestas, sem preconceitos, convencidas por fatos conscienciosamente estudados, perseveraram na doutrina de Mesmer, que reconhecia no homem a existência de uma influência penetrante, dominante, de indivíduo para indivíduo, posta em ativida-

de pela vontade, curativa conforme a abundância do fluido e cujo mecanismo constitui um duelo entre duas vontades, entre um mal a curar e a vontade de curar.
(Balzac: 1990: V: 69)

* *
*

Com pretensões terapêuticas, o mesmerismo se enredava no confronto entre a Medicina científica, que cuidava dos distúrbios somáticos pelo método anátomo-clínico, e a Psiquiatria, que se ocupava com o chamado descontrole das paixões, prescrevendo-lhe "tratamento moral" (Kaplan & Sadock: 1988: 4a), principalmente desde Philippe Pinel (1745-1826). Um abismo epistemológico precipitava-se entre ambas e o entrevero rolava pesado, sem dúvida nenhuma, na medicina ou fora dela, por toda parte, para a indignação de Balzac:

Entre o pequeno número de crentes encontravam-se médicos. Esses dissidentes foram, até a morte, perseguidos pelos colegas. O respeitável corpo médico de Paris empregou contra os mesmerianos os rigores das guerras religiosas, e foi tão cruel contra eles como era possível sê-lo naquela época de tolerância voltairiana. Os doutores ortodoxos recusavam-se a conferências com os doutores que acreditavam na heresia mesmeriana. Em 1820, esses pretensos heresiarcas eram ainda objeto dessa proscrição surda. As desgraças e as tormentas da Revolução não extinguiram esse ódio científico. Somente os padres, os magistrados e os médicos são capazes de odiar assim. A toga é sempre terrível. (Balzac: 1990: V: 70).

O homem considerava o "magnetismo a ciência favorita de Jesus e um dos poderes divinos conferidos aos apósto-

los" (Balzac: 1990: V: 68). Aventurou-se em experiências práticas e pôs-se a escrever sobre o assunto, dedicando-lhe várias obras, entre 1829 e 1835, principalmente. Em 1841, quando renasceram as esperanças de reverter a decisão imperial de 1784, retornou à carga com todas as forças de que dispunha:

Se ao descobridor faltou gênio, é triste, para a razão humana e para a França, ter de constatar que uma ciência contemporânea das sociedades, igualmente cultivada no Egito e na Caldéia, na Grécia e na Índia, tenha experimentado em Paris, em pleno século XVIII, a mesma sorte sofrida pela verdade na pessoa de Galileu no século XVII, e que o magnetismo ali tenha sido rejeitado pelos duplos ataques dos religiosos e dos filósofos materialistas, igualmente alarmados. (Balzac: 1990: V: 68)

* *
*
*

Armand-Marc-Jacques de Chatelet, Marquês de Puy-ségur (1751-1825), discípulo de Mesmer, escreveu “Do Magnetismo Animal considerado em suas relações com os diversos ramos da Física Geral.” Anunciara a descoberta da possibilidade de provocar o sonambulismo e de se conseguir a sugestão mental, a partir dos ensinamentos de Mesmer. Baseando-se no marquês, James Braid (1795-1860) inventara o chamado hipnotismo moderno, (Kaplan & Sadock: 1988: 4b), inaugurando o próprio termo hipnose: a partir do grego: "hipnos", sono. Em consequência, a batalha recrudescendo novas armas em ação.

De 1854 a 1860, os Drs. Azam, Broca e Durand de Gros muito trabalharam para abrir ao hipnotismo as portas da Academia, mas foram baldados os seus empenhos. (Hipnotismo: 1950: 8)

Não havia condições epistemológicas que permitissem arranjar as experiências com hipnose nos domínios da Ciência Experimental em ascensão. Mas, as instituições acadêmicas, por seu turno, também cedem a pressões políticas e, muitas vezes, oficializam práticas terapêuticas que se garantem apenas pela validação social. Este seria o caminho dali por diante. Nas décadas de 1870 e 1880, “uma propaganda colossal do hipnotismo, por meio de experiências públicas”, buscava reconhecimento.

Com efeito, de 1875 a 1886, o professor Donato, percorreu grande parte da Europa, dando em toda parte re-

apresentações com sonâmbulos muito bem adestrados, e exercendo também seu poder de fascinação sobre o público. A partir de 1880, Karl Hansen seguiu o mesmo caminho de Donato. Essas experiências produziram um efeito prodigioso; os teatros ficaram, por toda parte, repletos de admiradores do hipnotismo. (Hipnotismo: 1950: 8)

Ao mesmo tempo, muitos psiquiatras ou “médicos dos nervos” tinham perdido a esperança em que a dissecação de cérebros “post mortem”, anatomia patológica, já depois de um século sem resultado positivo algum, viesse ainda esclarecer as determinantes orgânicas dos males de suas pacientes. Viviam do atendimento às histéricas com seus “status nervosi,” sem saber o que fazer terapêuticamente por elas. Então, misturaram-se aos hipnotizadores de teatro.

Estimulados pelas experiências públicas de fascinação, os médicos começaram a tomar interesse pelo assunto e puseram-se a repetir as experiências de Donato e Hansen. Em toda parte puseram-se à obra: Charcot, na Sapêtrière, e Luys, na Caridade, desenvolveram a grande hipnose, de 1879 a 1880... (Hipnotismo: 1950: 8/9)

* *
*
*

O Dr. Hippolyte Bernheim (1837-1919) desmentia tudo desde Nancy. Em sua clínica, verificava sempre que as reações das pacientes hipnotizadas eram devidas às sugestões do médico, como Freud mais tarde também constatou. (Jones: 1989:1: 246) Concluía que as encenações das jovens de Paris jamais poderiam corresponder a manifestações de distúrbios mentais, porque uma pessoa hipnotizada fica submetida às forças psíquicas do magnetizador e obedece às ordens dele. Punha-se de acordo com as “Ciências Herméticas,” cujos manuais assinalam que

A escola de Paris, defendida por Charcot, considerava o sono hipnótico como uma "doença", ignorando que a Mente tem grande influência na produção desses fenômenos. [...] Lendo as duas "Memórias" do marquês de Puységur publicadas em 1874, vê-se que o autor descobriu: 1) - o isolamento do paciente; 2) - sua relação com o magnetizador, por meio dele com outras pessoas; 3) - a transmissão de sensações e de pensamentos; 4) - a influência da vontade do magnetizador sobre o magnetizado, ou sugestão. (Magnetismo: 1950: 0910/11)

Por fim, Charcot admitiu que fizesse teatro. Mas, deu a volta explicando que a histeria e o sonambulismo não passavam disso mesmo: representação. Patologizando tudo, esclareceu que as suas internas conseguiam entrar nos papéis,

encenando acessos, por serem portadoras de “distúrbios mentais inconscientes, determinantes do fenômeno histérico.” (Freud: 1897b: 24) E Freud veio derramado em elogios de compatriota fácil, a registrar tudo como empreendimento médico em favor das pacientes.

Essa a mais enigmática das enfermidades nervosas, para cuja avaliação a medicina ainda não achara adequado ângulo de enfoque, acabara de cair então no mais completo descrédito, e esse descrédito abarcava não só os pacientes, mas também os médicos que se interessavam pela neurose. Acreditava-se que na histeria qualquer coisa era possível, e não se dava crédito a um histérico em relação a nada. A primeira coisa que o trabalho de Charcot fez foi restaurar a dignidade desse tópico. Pouco a pouco, as pessoas abandonaram o sorriso desdenhoso com o qual uma paciente poderia contar àquele tempo. Ela não era mais necessariamente uma doente simulada, porque Charcot jogou todo o peso de sua autoridade a favor da autenticidade e objetividade dos fenômenos histéricos. (Freud: 1897b: 21)

* *
*
*

Era só chuva benfazeja na horta dos que tinham privilégios ameaçados, interesses por preservar: desde a elite e o poder econômico por toda parte até a corporação psiquiátrica, que se instalava institucionalmente na medicina legal, substituindo a Escola de Fodéré/Tardieu pelo racismo eugenista de Lombroso com sua frenologia, tudo mais; e, de rebarba, se via recuperada socialmente como especialidade médica, par continuar na atuação clínica a partir de intuições pessoais e outras invencionices. Charcot reivindicava: a) - status clínico de doença, para a histeria em suspeição; b) - status social de medicina, para a psiquiatria em descrédito crescente; c) - status acadêmico de prática científica, para o teatro de hipnotismo. Era hora de bater às portas da Academia de Ciências, buscando o selo científico-institucional que sacramentaria tudo. E foi o que aconteceu em 13 de fevereiro de 1882, para relato de Georges Guillain, nas transcrições do Dr. Thomaz Szasz:

Eis por que a academia não se revoltou e aceitou um estudo que trazia uma conclusão à interminável controvérsia a respeito do magnetismo, controvérsia em relação à qual os seus membros não deixavam de ter algum remorso. E o remorso, eles certamente o tinham, pois a partir dos fatos aqui observados podemos concluir que Charcot não fez mais do que Georget havia pedido cinquenta e seis anos antes à academia para fazer. Chamassem ao fenômeno magnetismo animal, mimetismo ou hipnotismo, ele resistiria ao tempo. A

integridade científica da academia, não. Como um governo relutante, indeciso, e incerto de si mesmo, ela nada fazia, a não ser sob a pressão de eventos que a forçassem a agir, e a mudança da capa formulatória assegurava o disfarce da sua complacência. (Szasz: 1974: 43)

* *
*
*

Havia muito mais do que mesmerismo, hipnotismo, psiquiatria desacreditada naquela bola de neve em que a Escola da Salpêtrière fazia suas evoluções ao ritmo de bateria que lhe vinha de fora da França inclusive. O Estado Republicano adentrava os sociológicos familiares para garantir direitos ou condições de cidadania a crianças e mulheres. Abria os porões dos sagrados segredos familiares e escancarava um teatro de horrores remanescente do absolutismo, em que o “pater-famillias” era monarca absoluto em seu território.

Os tribunais, em França e por toda Europa, ficavam abarrotados de processos contra notáveis de todos os tipos, por sevícias, truculências físicas ou morais, estupro, atentados ao pudor com ou sem violências e outras barbáries contra mulheres e principalmente meninas de menos de 12 anos de idade. Os médicos da escola de Medicina Legal do Dr. François Fodéré emitiam dezenas de milhares de laudos periciais sustentados em verificações científicas experimentais, de acordo com a anatomia patológica; e comprovavam repetidamente a relação entre o fenômeno da histeria, na vida adulta, e atentados ao pudor de meninas durante primeira e segunda infância. O Legislativo levava tudo a termos:

Código Penal de 1832: “O que tiver cometido o crime de estupro ou for culpado de outro qualquer atentado contra o pudor, consumado ou tentado com violência contra indivíduos de um ou de outro sexo, será punido

de reclusão.” (Art. 331) “Se o crime for cometido na pessoa de uma criança que ainda não tenha completado quinze anos, o culpado terá a pena de trabalhos forçados temporariamente.” (Art. 332) “A pena será de trabalhos forçados por toda a vida, se os culpados são da classe dos que têm autoridade na pessoa em que cometeram atentados, se são seus mestres ou criados de soldada, ou se são autoridades públicas (funcionaires public) ou sacerdote de qualquer culto, ou se o culpado, seja quem for, foi ajudado em seu crime por uma ou mais pessoas.” (Art. 333) (Sédillot:1841:76)

O legislador sabia objetivamente como, aonde ocorriam os crimes e que os perpetradores estavam entre adultos que tinham relações diretas ou de poder e autoridade sobre as crianças. Já no momento em que o menino August Ambroise Tardieu contava apenas 14 anos, posto que nascido em 1818; e nem sonhava com que trinta anos mais tarde seria médico famoso, bem sucedido na carreira universitária em que chegaria a vice-reitor da Universidade de Paris, seu Decano logo depois, presidente da Academia de Ciências da França e conhecido por mais de uma dezena de obras publicadas para avanço da medicina científica em bons serviços ao humanismo republicano. Mas, foi o que aconteceu.

Em 1860, depois de várias obras publicadas e extensa folha de serviços prestados à Medicina Legal, Dr. Tardieu veio a público com um artigo famoso ainda em nossos dias de terceiro milênio, sem esconder sua indignação médica e republicana sempre humanista:

Seres de tenra idade, indefesos, são submetidos aos mais cruéis abusos, duras privações, suplícios, torturas frente às quais a própria imaginação recua: adultos usam-lhes os corpos e os órgãos sexuais, apagando-lhes as primeiras luzes da razão, encurtando-lhes a vida.

Mais incrível ainda: os seus algozes são aquelas mesmas pessoas que os trouxeram à luz do mundo. Eis um problema face ao qual toda consciência humana e lúcida vai à indignação. (Tardieu: 1860: 362)

Tratava-se de costumes ou mentalidades com raízes em civilizações primitivas que foram assimiladas pelos Gregos, o Império Romano, o teocentrismo medieval, com a caça às bruxas inclusive, e a Idade Clássica com os poderes do “Pater-famillias”. Somente a Revolução Francesa com seu humanismo no lema “Liberté, Egalité, Fraternité” por-se-ia a campo no enfrentamento daquelas barbaridades contra mulheres e crianças que, aos nossos dias, felizmente começam a escandalizar até o Afeganistão, conforme nossa imprensa diária. Mas, havia também o movimento proletário com suas conquistas para apavoramento da burguesia em seus privilégios.

* *
*
*
*

Em 1877, uma greve geral dos ferroviários balançava os Estados Unidos da América. Era o movimento que, em 1881, desembocaria na formação da "*America Federation of Labor*", reunindo a maior parte das organizações trabalhistas, chamadas "*Unions*". Lutavam apenas por aumentos de salário e melhores condições de trabalho. Mas, foram tidos por subversivos e inimigos da "Democracia". Na Inglaterra, em 1871, os sindicatos haviam sido reconhecidos legalmente. Já, na Itália, eles foram proibidos a partir de 1874. Na Alemanha, as organizações lassaleanas haviam sido extintas por lei. Somente renasceriam em 1892, para subirem ao poder em 1918. Na França, a "*Lei Chapelier*", de 1791, proibira severamente qualquer organização trabalhista. A legislação napoleônica estabelecera pena de dois a cinco anos de prisão, para os trabalhadores que se mobilizassem no sentido de se organizarem. Em 1870, com a derrota da *Comuna*, reeditou-se a proibição de associações operárias; as quais voltariam à legalidade, somente em 1884.

As perícias médicas dos profissionais da Escola de François Fodéré, liderados pelo Dr. Ambroise Tardieu a partir dos anos de 1850, não serviam à classe dominante, muito menos ao patronato que se via levado aos tribunais para pagamento de indenizações por acidentes ou condições insalubres de trabalho. Somavam-se aos laudos sobre violências contra mulheres, atentados ao pudor de meninas na infância, instruindo processos que levavam notáveis aos tribunais e à

condenação, quando era o caso. Então, as mãos e as luvas se estendiam buscando ajuda em Charcot, a provê-lo dos meios convenientes:

Em 1882 ou 1883, as circunstâncias de vida e de trabalho de Charcot assumiram sua forma final. (...) O governo à frente do qual se encontrava Gambeta, velho amigo de Charcot, criou para ele uma Cátedra de Neuropatologia na Faculdade de Medicina (de modo que ele pudesse abandonar a Cátedra de Anatomia Patológica) e também uma clínica com departamentos auxiliares, na Sapêtrière. Le service de M. Charcot agora incluía além das antigas enfermarias para doentes crônicas, várias salas clínicas onde pacientes masculinos eram recebidos, um amplo ambulatório: a “consultation externe...” (Freud: 1897a: 19)

* *
*
*

Charcot não precisava de nenhuma disciplina para sua cátedra, menos ainda sem concurso, para continuar Diretor da Salpêtrière como estivera desde 1852, portanto ao longo de trinta anos; também não a necessitava para os atendimentos em sua clínica particular, a receber clientes de todas as partes do mundo; para registro eufórico de Freud, depois de Axel Munthe, em neologismo e hipérboles:

Suas consultas particulares, às quais acorriam pacientes de Samarcândia e Antilhas, não podiam afastá-lo de suas atividades no magistério ou de suas pesquisas. Sem dúvida, essa multidão não o procurava exclusivamente por ele ser um famoso investigador, mas também por ele ser um grande médico (...) capaz de emitir um bom palpite naqueles casos em que o estado presente da medicina não lhe permitia saber. (Freud: 1897a: 19)

Ele poderia prosseguir com suas truculências contra as internas da Salpêtrière, seus palpites, suas aventuras terapêuticas, invencionices diagnósticas de consultório na Saint Germain, quanto tempo quisesse como sempre fizera. Mas, nem uma coisa nem outra faziam a repercussão acadêmica de que se carecia para realizar mais uma das manobras de Gambeta e seus alinhados de classe ou poder. A cátedra de Neuropatologia o colocaria na situação de senhor das ementas e dos programas, inclusive dos concursos para seleção de professores em sua disciplina por todas as universidades francesas de então.

A anatomia patológica por seu turno, com sustentação em verificações científicas experimentais consagradas desde Bichat e tantos outros ao correr de decênios, jamais suportaria o teatro de hipnotismo como procedimento ou metodologia de investigação e intervenção médicas; ao passo que a Neuropatologia, providenciada ex-cátedra, poderia estabelecer por intuições e interpretações pessoais sempre convenientes permitiria psiquiatrizar a medicina legal: represando, desautorizando em bloco, marginalizando, arquivando e, por fim, sucateando tudo que fora produzido pela Escola de François Fodéré para a Medicina Legal nos oitenta anos precedentes ou até a morte de Tardieu em 1879. Charles Brouardel, que fora seu assistente durante anos, substituiria ao mestre, porém, sob curatela de Charcot.

Assim as condições ideológicas e institucionais de ensino superior da Medicina Legal por toda França e depois Europa eram dadas; e a Charcot todo poder acadêmico para liderar ou, talvez melhor, comandar verdadeira cruzada para recepção e adoção pelas universidades franceses da Escola italiana de Cesare Lombroso com sua frenologia, seu racismo, ideologia de linhagem sanguínea, eugenia por fim, aplicada às histéricas, às crianças vítimas de abuso, aos trabalhadores acidentados e aos colonizados em geral. O poder econômico francês e europeu, como também, dos Estados Unidos curvava-se agradecido em reverências ao mestre da Salpêtrière que, assim, ascendia aos seus poderes de César.

Sua contribuição em termos de histeria traumática tornou-se desde então importante nas ações legais. Acima de tudo, e esta foi sua maior contribuição, demonstrou que em pessoas adequadas ele podia, com uso de hipnotismo, trazer à tona sintomas histéricos, paralisias, tremores, anestesia, etc., que eram nos menores detalhes idênticos aos da histeria espontânea tal como vis-

tos em outros pacientes e tal como foram plenamente descritos na Idade Média, quando eram atribuídos à possessão demoníaca. (Jones: 1989: I: 235)

* *
*
*

16

La Salpêtrière, desde 1656 acolhera somente pacientes do sexo feminino. Logo adiante havia o Bicêtre destinado ao atendimento de homens apenas, desde sua fundação por ocasião da campanha dos hospitais gerais. A histeria (de hysteron em Grego) fora conhecida durante séculos como doença do útero, exclusiva das mulheres, pois, tratada por Ambroise Pare (1509-1590) ao século xvi com receita de um “formigador genital” para prevenção de seus males em viúvas ou separadas, por massagens ditas terapêuticas. Mas, para Charcot, com genitália masculina ou feminina, iam todos ao sumidoiro que ele acabara de por à disposição, com Freud mais tarde ao registro babando de admiração e entusiasmo:

Descobriu-se que era muito mais freqüente do que o esperado a histeria nos homens, especialmente naqueles da classe trabalhadora; demonstrou-se convincentemente que certas situações atribuídas à intoxicação alcoólica ou ao envenenamento por chumbo eram de natureza histérica; foi possível subsumir sob a histeria um conjunto de afecções até então não compreendidas [...] Para esse propósito utilizou pacientes histéricos que colocava em estado de sonambulismo, hipnotizando-os. Teve êxito em provar através de uma sólida cadeia de argumentos, que essas paralisias eram o resultado das idéias que tinham dominado o cérebro do paciente em momentos de disposição especial. (Freud: 1897a: 23/24/25)

* *

*

O teatro de hipnotismo para diagnóstico de histeria em homens ou mulheres, pois, tornou-se galinha dos ovos de ouro para o patronato, menina dos olhos da corporação psiquiátrica de olho no feudo que lhe era concedido. A ala de consulta externa na Salpêtrière destinava-se à realização de perícias médico-legais pelos assistentes Charcot, neuropatologistas recém-inventados, deixando fora de jogo aos profissionais da Escola de Fodéré/Tardieu, cujos laudos vinham incomodando tantos. E os serviços chegavam conforme encomenda:

Freud descreveu um caso de histeria traumática em um homem, que se seguiu à queda de um tablado, caso que ele mesmo observara na “Salpêtrière”. Por fim mencionou a sugestão de Charcot de que alguns casos de afecção da coluna vertebral causada por acidentes ferroviários podiam ser histéricas, ponto de vista americano que estava sendo contestado na Alemanha. (Jones: 1989: 1: 237)

A tomada de território efetuada por aquela força de elite, com todas as demais em retaguarda ou apoio, fazia o momento oportuno para a contestação das verificações e descobertas da Escola de Fodéré/Tardieu no que concerne à etiologia dos fenômenos histéricos como desdobramento de inconveniências nas relações interpessoais durante infância e adolescência, no interior das famílias ou das instituições. Foi hora de recurso ao infinito e apelo à eugenia de Cesare

Lombroso para fins doutrinários em Medicina Legal. Crianças vítimas de “abusus sexualis”, atentados ao pudor, violências domésticas; histéricas com seus padecimentos emocionais queixando-se de sevícias e agressões de toda ordem; trabalhadores em suas paralisias e outros males por acidentes ou condições insalubres; eram todos subsumidos sob o manto da histeria, então generalizada para os devidos fins:

Charcot postulou uma forma simples para esta: devia-se considerar a hereditariedade como causa única. Consequentemente a histeria era uma forma de degeneração, um membro da “famille névropathique”. Todos os fatores etiológicos desempenhavam o papel de causas incidentais, de “agents provocateurs”. (Freud: 1897a: 24)

* *

*

Havia as meninas de menos de 12 anos atentadas em seu pudor, violentadas, seviciadas; por conseqüência, junto delas apareciam as histéricas em seus padecimentos emocionais severos; ao lado delas vinham mulheres operárias sequeladas por condições insalubres de trabalho; (Tardieu: 1852: 1: 156) de par com estas seguiam trabalhadores acidentados em suas paralisias, também intoxicações e outros males; depois, vinham meninos explorados pelas indústrias (Tardieu: 1854: 3: 492), principalmente as de fiação e tecelagem, por seus dedos finos próprios para a roca. A doutrina da mentira histérica, por extensão, a ideologia da doença mental faziam luvas preciosas às mãos dos interesses dominantes. Os dados estiveram lançados.

A “Escola da Salpêtrière” atravessava o samba, encailhava alegorias por toda parte. Mas, o desfile saiu em clima de primeiro grupo. A gata borralheira veio em destaque de princesa com o sapato que lhe arranjaram “para não precisar mais esconder sua cabeça como enteada da medicina”. (Alexander e Selesnick: 1980: 211) Charcot passou ridículo no papel triunfante de Rei Momo, parecendo mais o “Pingüim” dentro daquele smoking. E a multidão messianizada lotou o sambódromo. Tomou a pista. Entrou na “folie.” Aplaudiu CINDERELA.

*
* *
*